

O AFRONTA VAI À ESCOLA - PROJETO AFRONTANDO SEU CONHECIMENTO

Elias C33sta de Oliveira (1); Kelara Menezes da Silva (1); S33rgio Marques da Silva (2); Vanderson Duarte (3); J33lio Ricardo Quevedo Orientador (4)

Universidade Federal de Santa Maria, kelara.silva@gmail.com; Universidade Federal de Santa Maria, eliascostaiff@gmail.com; Universidade Federal de Santa Maria, serginhomarquess@gmail.com; Universidade Federal de Santa Maria, duartevanderson4@gmail.com; Universidade Federal de Santa Maria, j-quevedo@uol.com.br

Resumo: Com o objetivo principal de conscientizar os jovens estudantes do ensino m33dio sobre as pol33ticas de a333es afirmativas, em especial o sistema de reserva de cotas para afrodescendentes, o Coletivo Afronta - Coletivo de Estudantes Afrodescendentes da UFSM desenvolveu o projeto denominado Afrontando Seu Conhecimento, em meados do ano de 2011, atrav33s de oficinas e rodas de conversa. Com intuito de desenvolver a333es que vis33o pautar a afirma333o da identidade do negro tanto na UFSM quanto na sociedade como um todo - ampliou o projeto para todos os n33veis da educa333o (da educa333o infantil ao ensino superior), para abordar as tem33ticas no que se refere 333 Lei 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educa333o no Brasil – LDB, tornando obrigat33rio o estudo da Hist33ria e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todas as institui333es de educa333o b33sica, p33blicas e particulares. O projeto 333 trabalhado no formato de oficinas, que s33o pautadas quest333es da consci333ncia negra, lideran333a negra, a333es afirmativas no ensino superior, feminismo negro, autoestima, sa333de da popula333o negra, valoriza333o da est33tica e educa333o das rela3333es 333nico-raciais. Por meio dessa informalidade estamos tentamos desconstruir ideias preconceituosas e elucidar o que 333 uma educa333o antirracista, para garantir a aplica333o da Lei 10.639, ao mesmo tempo em que lutamos pelo empoderamento de crian333as e jovens negros e negras para o enfrentamento de barreiras impostas pelo racismo no pa333s.

Palavras-chave: Educa333o, Rela3333es 333nico-Raciais, Coletivo Afronta

APRESENTA333O

O Afronta - Coletivo de Estudantes Negras e Negros - fundado em 2010 por acad333micos de diferentes cursos da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, surge ap333s o II Encontro de Negros, Negras e Cotistas da Une – ENUNE realizado no Estado da Bahia, contando com a participa333o da percep333o dos participantes oriundos da UFSM e de outras organiza3333es de estudantes negros e negras nas demais Universidades Federais do Brasil.

O Coletivo 333 o primeiro a ser fundado dentro de uma Universidade P33blica no estado do Rio Grande do Sul e seu objetivo 333 n33o s33o reunir e empoderar os negros universit333rios para pautar e debater suas demandas dentro da academia como tamb333m desenvolver a333es de afirma333o da identidade negra na sociedade. Entre as atividades desenvolvidas pelo Afronta consta a elabora333o e execu333o dos projetos: Afrontando Seu Conhecimento, M33s Da Consci333ncia Negra, Setembro Negro e participando em atividades 333nico- Raciais, como palestras e espa333os de debates juntamente com os cursinhos populares da cidade.

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

Em decorrência da situação em que os negros e negras se encontram em nosso país, derivada em razão de fatos históricos, sociais e culturais são necessárias iniciativas de valorização e afirmação da identidade negra, foi elaborado em meados de 2011, o projeto “Afrontando Seu Conhecimento” com o objetivo principal de conscientizar os jovens estudantes do ensino médio sobre as políticas de ações afirmativas, em especial o sistema de reserva de cotas para afrodescendentes.

O Coletivo Afronta responsável pela execução do projeto, se apropriou de métodos como oficinas e rodas de conversa que pautaram as questões da consciência negra, liderança negra, ações afirmativas no ensino superior e a lei 10.639/03 para contribuir, por meio dessa iniciativa, na desconstrução de ideias e estereótipos preconceituosos em relação à temática.

O primeiro público alvo foi escolhido devido às políticas de reserva de cotas que em julho de 2007, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da UFSM aprovou na íntegra o documento que institui na Universidade o Programa de Ações Afirmativas de Inclusão Racial e Social. Através dele, a partir do ano seguinte, a UFSM passou a destinar um número específico de vagas para afro-brasileiros, para alunos que cursaram todo o ensino fundamental e médio em escolas públicas, para portadores de necessidades especiais e para indígenas. Com o pouco número de ingressantes, percebemos que tínhamos que apresentar o sistema de cotas para os estudantes negros e negras das escolas públicas para se inscreverem nessa política pública.

Em agosto de 2012 a lei 12.711 foi sancionada, garantindo a reserva de 50% das matrículas, por curso e turno, nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação a alunos oriundos de escolas públicas, e dentre esses, levando em conta, o percentual de estudantes negros.

No entanto, levando em consideração a Lei 10.639/03, que modifica Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), que torna obrigatório a inclusão, no currículo oficial da rede de ensino, da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, nos termos do Parecer CNE/CP 3/2004 (BRASIL, 2004), Segundo Silva:

estabelecem a educação das relações étnico-raciais, como um núcleo dos projetos político-pedagógico das instituições de ensino de diferentes graus como um dos focos dos procedimentos e instrumentos utilizados para sua avaliação e supervisão (SILVA, 2007)

Não sendo assim feito, ampliamos nosso público alvo para todos os níveis da educação (infantil ao superior), pois percebemos que além de informar aos jovens do ensino médio sobre a importância da política de cotas, precisamos dar suportes também no que se refere à Lei 10.639/03, nas instituições de ensino da cidade de Santa Maria - RS e onde fomos requisitados, ensinando sobre a história e cultura afro-brasileira e africana. Assim como ações afirmativas, saúde da população negra, valorização da estética, autoestima e desmistificar o preconceito relativo aos costumes religiosos provindos da cultura africana, pois, “a educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais” (SILVA, 2007).

O resgate da memória individual e coletiva da população afrodescendente não é apenas de interesse de indivíduos negros, mas de alunos de outras etnias, principalmente brancos, pois ao ter contato com uma escolarização racista eles, tem seu subjetivo afetado.

Essa memória pertence a todo povo brasileiro, sabemos que a cultura da qual temos acesso em nosso cotidiano é fruto de toda a diversidade étnica e plural que foi construído o Brasil, embora as condições foram marcada pela desigualdade, todas as etnias contribuíram de sua forma para formação da identidade nacional.

METODOLOGIA

Quando trabalhamos a história da população européia e suas contribuições para o Brasil temos fontes historiográficas riquíssimas, transformando esse povo em sujeito de sua própria História e como ator social importante na construção do país. Já os descendente de africanos tiveram as fontes historiográficas abandonadas e excluídas, sua narrativa histórica deixado de lado.

Estranhamente nos livros didáticos, no Pós-Abolição a população negra desaparece, pior que isso, parecendo que encerrou sua História e contribuição para o país, comparado a população européia, os afro-brasileiros são rotulados de povo sem História. Mariléia dos Santos Cruz, nos provoca a entender isso como instrumento de dominação das elites:

A problemática da carência de abordagens históricas sobre as trajetórias educacionais dos negros no Brasil revela que não são os povos que não têm história, mas há os povos cujas fontes históricas, ao invés de serem conservadas, foram

Destacamos o fato por sermos alunos(as) negros(as) que em grande parte as lembranças na escola sobre o nosso povo é estereotipado, rejeição de sua raça por internalizar a ideologia do branqueamento e os estereótipos de beleza. A invisibilidade nos comerciais, nos livros didáticos em profissões de prestígio sociais são alguns dos fatores da auto-rejeição da população afrodescendente ou ameríndia na América Latina. Por ter dificuldade de aceitação da sua identidade a sociedade cria “novos racismos”, como por exemplo: “o próprio negro é racista com ele mesmo”, enquanto o racista de fato sai isento e reproduzindo essa ideologia.(SILVA,1999).

Infelizmente o debate do racismo dentro da escola fica a cargo de “professores sensíveis” a pauta da negritude, isso não tem um grande alcance quando pensamos que essa pauta tem que ser massificada. Pensando em maneiras para que venham a contribuir e preencher essa lacuna surge o Projeto Afrontando Seu Conhecimento.

A proposta parte da experiência vivida no ambiente escolar de seus membros e oficinairos, sendo assim conseguir despertar acerca do tema abordado uma participação ativa do público, pois pensamos na sua elaboração levar primeiramente o conhecimento sobre a memória, cultura e resistência dos (as) negros (as). Idealizamos em um projeto que venha valorizar a cultura africana, sobre tudo aflorar a autoafirmação de jovens negros (as) não apenas no ambiente escolar, mas em diversos meios culturais e sociais.

O processo metodológico, no contexto da pesquisa, parte da Roda de Conversa, por sua característica de permitir os participantes expressarem, concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre a temática trabalhada.

Por ser trabalho com o diálogo constante entre os participantes e os executores do projeto, utilizou-se o termo Roda de Conversa, pois se entende que esse termo é adequado, tanto ao ambiente escolar, quanto ao grupo dos alunos. A investigação de um fenômeno social é um desafio maior do que a investigação de um objeto físico à medida que se busca compreender uma realidade da qual o ser humano é agente. Esse desafio implica, segundo Ladrière (1991), superar as dificuldades impostas pela cientificidade ao longo de sua história e construir uma ponte entre o ‘esquema da explicação’, que se utiliza da linguagem do sistema e o ‘esquema da compreensão’ que se utiliza da ‘linguagem do sentido’ (LADRIÈRE, 1991, p. 10).

De acordo com Mélløet al. (2007), as rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as

peças podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro.

RESULTADOS

O primeiro passo a se fazer para conhecer o público alvo de cada oficina é o mapeamento e escolha dos Colégios que achamos necessário uma intervenção, para além dos convites, depois elencamos e classificamos os Colégios de Santa Maria, em público ou privado e por último analisamos o ambiente e a comunidade escolar, feito isso adaptamos o material.

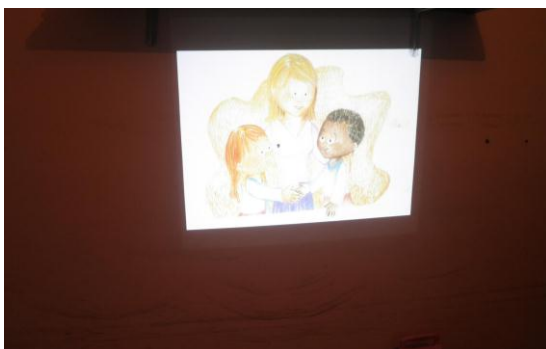
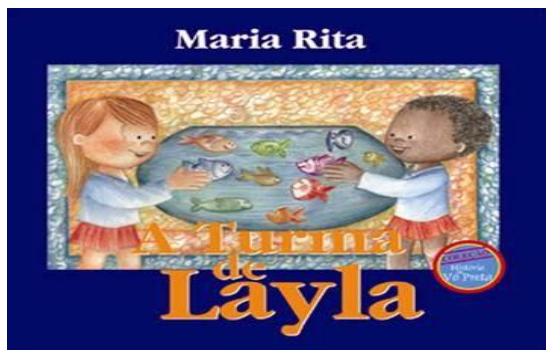
A oficina é sempre iniciada por uma dinâmica, seja está um jogo, um curta metragem, contação de histórias, músicas ou poemas. O material introdutório, e a temática abordada varia conforme o público alvo e as necessidades do mesmo. Esse tipo de abordagem inicial facilita o diálogo que iniciará em seguida, pois utilizando do lúdico facilita a interação do público conosco. O projeto é executado, de maneira itinerante, nas escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior de Santa Maria com duração de aproximadamente 60 minutos.

Uma das atividades que fizemos em uma escola de educação infantil, foi abordado identidade negra e preconceito racial. Para essa atividade, dividimos a metodologia em dois momentos, a saber: no primeiro momento entregamos as crianças revistas diversas e deixamos que elas olhassem, nas revistas haviam diversas celebridades de diversas etnias. Após solicitamos que elas procurassem nas revistas alguém que fosse parecidas com elas e assim fizeram.

Para a nossa surpresa apesar de quase metade da turma ser de crianças miscigenadas negras, praticamente todas se identificaram com celebridades brancas, e apenas uma menina branca se identificou com uma celebridade negra.

O segundo momento, realizamos a leitura do livro “A Turma de Layla” da escritora Maria Rita Py Dutra, que de forma bastante sutil e pedagógica aborda o preconceito racial que uma menina negra, sofre de sua colega de turma, e de como a professora lida com a situação. Para a atividade usamos um data show com as imagens para todas as crianças acompanharem ao mesmo tempo, enquanto um de nós lia o livro. Após a leitura, fizemos algumas perguntas sobre o livro, como: Como era o nome da professora? Como eram os olhos de Layla? Quantos anos tinha a Layla? Qual a etnia da Layla? – E seguimos a conversa em roda, até que ficassem a vontade. Por fim nos comentários, percebemos o quanto elas se sensibilizaram com a história contada. E ao mesmo tempo que algumas estavam no início da sua construção de identidade.

E então, para finalizarmos a atividade, realizamos a atividade proposta pela professora Marina (professora da Layla), entregamos folhas de ofício, lápis de cor e canetinhas, e solicitamos que todas desenhassem um peixe que parecessem com elas, quando todas terminaram, inclusive nós colamos num grande aquário desenhado em papel pardo, para que percebessem que somos todas iguais nas nossas diferenças.



Nitidamente percebemos diferença entre as falas após o debate que ministramos, algumas falas continuaram conservadoras e outras entendendo a importância da questão se tornaram mais

consciente. No E.F as crianças falaram que faziam piadas por conta do cabelo com colegas "morenos", mas que era somente brincadeira, não sabiam que estavam machucando seus colegas.

EM um dos casos uma menina negra fez uma carta após a o Projeto, falando que não teria mais vergonha de seu cabelo nem da sua cor de pele, pois ela era linda. Na mesma carta essa criança pediu respeito, e que as piadas não era piada, era racismo.

CONCLUSÃO

Por fim, o Projeto está modificando a visão que as crianças possuem em relação a História e Cultura Afro-Brasileira, seja pelo ponto de vista de uma criança branca ou pelo ponto de vista de uma criança negra que está aprendendo sobre sua ancestralidade de uma forma não estigmatizada.

Resgatar as africanidades é um estímulo para que negros e negras situam-se seu pertencimento racial, isso representa sentir-se sujeito no mundo para lutar contra as desigualdades e contra o racismo vigente na sociedade brasileira. Trabalhar a memória coletiva é um ato de libertação e de construção enquanto um sujeito negro, pois os currículos eurocêntricos nos impedem de nos (re) conhecer.

Sabemos que a escola ainda tem um papel importante na formação das crianças, algumas vezes não sabendo trabalhar com a diversidade acaba reproduzindo valores estereotipados, carregado de conservadorismo e racismo. O Projeto Afrontando seus Conhecimentos está aumentando a autoestima de crianças negras, sendo que muitas escolas das periferias de Santa Maria entram em contato para aplicarmos o Projeto.

Estudando a cultura afro-brasileira fomentará a valorização e o respeito a história da resistência negra, as crianças negras irão sentir-se empoderadas, debatendo sobre a temática negra será de suma importância para uma sociedade mais plural, diversa e por um mundo mais tolerante, essas crianças serão protagonista de suas vidas, não mais coadjuvante como é imposto para nós.

Sabemos, que a educação não muda projeto de sociedade, mas atividades organizados por negros para os próprios negros constroem-se redes de solidariedade e empatia. Esse projeto está com um pé na universidade e o outro pé na rede básica, atuando como uma ferramenta de transformação de valores vigente, subvertendo essa ordem de exploração e competição.

REFERÊNCIAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, **Afirme Observatório das Ações Afirmativas para acesso e permanência nas Universidades Públicas na América do Sul.**

Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/afirme/index.php/oafirme>> Acesso em: 09-09

RIBEIRO, Djamila. **Cotas. Por que existem e para quem serve?**. Cidadanista revista para o cidadão, cidade, editores cidadanistas, 1, edição de lançamento, dezembro, 2016. Disponível em: <<http://www.raiz.org.br/media/uploads/2016/11/23/revista-cidadanista.pdf>> pag. 50 Acesso em: 09-09

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil**, Porto Alegre-RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set.\ dez. 2007.

BRASIL. **Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 09 Set. 2017.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** MEC, SECAD, Brasília, Outubro, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/planonacional_10.6391-1.pdf> Acesso em : 09 Set. 2017.

_____. CNE. CEB. **Resolução n. 1**, de 17 de junho de 2004, Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana Brasília: 2004.<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>> Acesso em: 09 Set. 2017

_____, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.** ano 2005. Disponível em: <http://www.educacao.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&ggi=16354&Itemid> Acesso em: 05 Set. 2017

LADRIÈRE, J. Prefácio. In: BRUYNE, P. de; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 9-22.

MÉLLO, R. P. et al. **Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa.** **Psicologia e Sociedade**, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.

_____, Ministério da Educação. **Contribuições para implementação da Lei 10.639/2003.** Novembro 2008. Disponível em:
<http://www.educacao.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1851&Itemid=> Acesso em: 07 Set. 2017.